

# O MÉTODO NATURAL E O ENSINO DA LEITURA: OLHARES A PARTIR DA ABORDAGEM FREINETIANA

THE NATURAL METHOD AND TEACHING READING:  
VIEWS FROM FREINET'S APPROACH

**Fernanda Duarte Araújo Silva**  
Universidade Federal de Uberlândia  
fernandaduarte.facip@gmail.com

## RESUMO

O presente trabalho propõe elencar aspectos do método natural, de acordo com estudos desenvolvidos pelo pedagogo francês Célestin Freinet, sobretudo no âmbito do ensino da leitura. Essa abordagem indica a possibilidade de um ensino da língua que respeite as experiências das crianças e contemple o trabalho com a arte e a cultura em uma perspectiva ampla. Entre os questionamentos que permearam a construção deste artigo estão: o que entendemos por método natural? Quais os princípios freinetianos para pensarmos o ensino da leitura? Como ocorre o início da leitura, em crianças, a partir dos estudos desenvolvidos por Freinet? A natureza da pesquisa realizada é qualitativa e a opção metodológica se fundamenta na pesquisa bibliográfica. Em linhas gerais, identificamos que com os estudos desenvolvidos por Freinet, podemos compreender que, em pleno século XXI, é fundamental refletir sobre a organização do trabalho pedagógico a partir do princípio de que a criança é um ser ativo na apropriação cultural. Ela pensa, questiona, constrói hipóteses e problematiza; logo, o ensino da leitura e da escrita ultrapassa uma “técnica”, dado que a apropriação possibilita humanizar os sujeitos e obter a compreensão de mundo.

**Palavras-chave:** Educação; Leitura; Método Natural; Freinet.

## ABSTRACT

This work proposes to list aspects of the natural method, according to studies developed by the French pedagogue Célestin Freinet, especially in the context of teaching reading. This approach indicates the possibility of language teaching that respects children's experiences and contemplates working with art and culture in a broad perspective. Among the questions that permeated the construction of this article are: what do we mean by natural method? What are the Freinetian principles for thinking about teaching reading? How does the beginning of reading occur, in children, based on the studies developed by Freinet? The nature of the research carried out is qualitative and the methodological option is based on bibliographic research. In general terms, we identified that with the studies developed by Freinet, we can understand that, in the 21st century, it is essential to reflect on the organization of pedagogical work based on the principle that the child is an active being in cultural appropriation. She thinks, questions, builds hypotheses and problematizes; therefore, the teaching of reading and writing goes beyond a “technique”, given that the appropriation makes it possible to humanize the subjects and obtain an understanding of the world.

**Keywords:** Education; Reading; Natural Method; Freinet.

## Introdução

O ensino da leitura e da escrita para crianças e adultos é um dos maiores desafios do país. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua – Educação, divulgados em 2020, apontam que o Brasil tem ainda 11 milhões de analfabetos (TOKARNIA, 2020) e, no que tange às atuais políticas construídas para tentar amenizar essa realidade, encontramos a promulgação do Decreto n. 9.765 (BRASIL, 2019), que instituiu a Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Não é nosso intuito, neste texto, apresentar as incoerências do documento citado anteriormente, que tem sido analisado em várias pesquisas no meio acadêmico, como as de Gontijo e Antunes (2019), Monteiro (2019) e Moraes (2019). Esses e outros autores enfatizam que o documento impõe um ensino por meio de “evidências científicas”, mas estas são sempre as de algumas áreas das ciências naturais, excluindo quaisquer evidências científicas produzidas pelas ciências humanas ao longo de décadas, e buscam, a partir de programas relacionados à formação docente, a partir de materiais didáticos e paradidáticos etc., padronizar o método fônico para alfabetizar de fato.

Amplamente utilizado em vários momentos da nossa história, o método fônico é apresentado como algo “novo”, que pode resolver problemas que perduram há séculos, em se tratando do analfabetismo no Brasil. Os chamados “bons velhos métodos” que são possivelmente mais eficazes com crianças de uma classe social letrada, que tem contatos com a produção escrita e já conhece, há muito tempo, seus usos, o que não é o caso da maioria das crianças que frequenta a escola pública.

Em contrapartida, este texto objetiva elencar aspectos do método natural, de acordo com estudos desenvolvidos pelo pedagogo francês Célestin Freinet, sobretudo no âmbito do ensino da leitura. É importante destacar que ao propor abordar nesse artigo o “método natural” de Freinet, não significa a defesa de que a apropriação da leitura deva ocorrer por meio de um único método de ensino. Mas, livres de qualquer tipo de preconceito, ao realizar o estudo da proposta freinetiana, compreendemos que seus princípios não coadunam com o que vivenciamos na atualidade em relação aos métodos tradicionais de alfabetização, nos quais os passos para o ensino da língua devem ser ensinados e seguidos fielmente e as crianças não possuem direito à uma educação crítica e emancipadora, mas devem se submeter a um trabalho alienante e sem significado para suas vidas. Sobre essa questão, Buscariolo, Lima e Varani (2022) destacam que:

Refletindo sobre a pedagogia Freinet, salientamos que o educador francês não pretendia criar uma pedagogia engessada e com meras técnicas “aplicáveis”. A proposta defendida por Freinet é oposta a isso, sua luta é para que o professor se aproprie dos instrumentos de trabalho que idealizou, de acordo com suas necessidades, com as possibilidades reais de uso, de maneira autônoma, valorizando também o saber do professor (p.86).

Na proposta freinetiana não encontraremos dessa forma um receituário (como nos métodos tradicionais de ensino), de como ensinar a leitura para as crianças, mas encontraremos possibilidades de um ensino da língua que respeite as experiências das crianças e contemple o trabalho com a arte e a cultura em uma perspectiva ampla.

Sobre a importância do trabalho desenvolvido por Freinet, coadunamos com Élise Freinet (1977a), ao destacar que as obras do autor apresentam características primordiais de simplicidade e impulso revolucionário. Nesse caso, elas passam da condição de ideias e assumem formas realizáveis no cotidiano das instituições escolares.

Entre os questionamentos que permearam a construção deste artigo estão: o que entendemos por método natural? Quais os princípios freinetianos para pensarmos o ensino da leitura? Como ocorre o início da leitura, em crianças, a partir dos estudos desenvolvidos por Freinet? Não temos a pretensão de responder a todas as questões, principalmente devido à densidade do trabalho desenvolvido por Freinet, mas pretendemos problematizá-las e apresentar algumas indicações que podem, de alguma forma, contribuir com o trabalho dos professores alfabetizadores.

Este estudo é de natureza qualitativa e apresenta uma revisão bibliográfica, na qual buscamos apreender alguns princípios que fundamentam a organização do trabalho pedagógico em uma perspectiva freinetiana. Para isso, selecionamos obras clássicas de Célestin Freinet e de sua esposa Élise Freinet. A seguir, descrevemos as discussões sobre o método natural.

## Método natural: alguns diálogos

A escola como conhecemos hoje possui um percurso histórico caracterizado pela dificuldade de ensinar as crianças a ler e a escrever. Sobre esse fato, Freinet (1977b, p. 16-17) assevera que:

Apesar da generalização da escola, um facto continua a ser tragicamente lamentável: a grande maioria dos jovens chega a homens sem saber ler e escrever. Isto é, são incapazes de ler corretamente um texto que percebam e sintam à medida que o leem. Não sabem escrever, pois raramente são capazes de exprimir com a pena os seus pensamentos ou desejos.

Diante disso, a busca por diferentes “métodos” para alfabetizar e tentar reverter o cenário de analfabetismo em diversos países do mundo marca a história dessa área. Neste texto, pretendemos apresentar alguns estudos sobre o método natural desenvolvido por Freinet para o ensino da leitura. Segundo Elias (2000), Freinet utiliza a palavra “natural” por ser um grande defensor do trabalho educativo, no qual a criança tem a oportunidade de se relacionar com o meio natural, a terra, a água, as plantas, os animais e poderia aprender independentemente do seu nível econômico ou social. Para além dessa questão, destacamos que para Freinet, a palavra “natural” também é pensada em contraposição ao termo “artificial”. Especificamente sobre a apropriação da linguagem oral, podemos evocar, a forma “natural” como toda criança adquire a fala, por meio do seu contato e interações com seu meio cultural, falando, sendo corrigida, aprendendo aos poucos a forma convencional. Assim a criança aprende a falar naturalmente, culturalmente e socialmente.

Pensar o método natural muitas vezes nos remete a uma armadilha conceitual, por ele ser associado, por alguns leitores apressados das obras de Freinet, a um tipo de trabalho *laissez-faire*, em que não existe “rigor científico” e organização metodológica. Nesse caso, a compreensão é de que bastaria “deixar a criança à vontade” e em contato com materiais de leitura para que ela sozinha, sem a ajuda do professor, se apropriasse de uma técnica de leitura.

Em contrapartida, a proposta pedagógica desenvolvida por Freinet (1977a, p. 13) se fundamenta na tentativa experimental e, sobre os equívocos mencionados, o autor destaca, *in verbis*:

É criticada e rejeitada propositadamente por aqueles que, sem conhecerem os seus verdadeiros fundamentos, a consideram oposta à ciência, a qual elogiosamente atribuem as conquistas contemporâneas. É este mal-entendido que queremos dissipar: de modo algum existe oposição entre os métodos científicos e a tentativa experimental. O progresso científico faz-se pela tentativa experimental.

O desenvolvimento da linguagem oral das crianças é um dos exemplos citados por Freinet (1977a), ao explicar a tentativa experimental. Não é necessário esperar que a criança “fale” para conversarmos com ela, pois, no processo em que está imersa em um mundo onde a fala é o principal meio de comunicação entre as pessoas, a criança se apropria paulatinamente dessa forma de linguagem. Convém salientar que, na pedagogia popular, um dos pressupostos que precisa ser considerado é a permeabilidade dos homens à experiência.

Nesse entremeio, a apreensão de atos como a leitura pode se iniciar ao “acaso”, mas a “intervenção” do outro é necessária para a criança se apropriar dela. As crianças, segundo Freinet (1977a), possuem diferentes graus de “permeabilidade” à experiência: algumas se ocupam com mais facilidade de atos como os da fala e da leitura, enquanto outras podem precisar de um tempo maior e mais intervenções nesse contexto. Logo, a “educação consistirá justamente em variar os elementos da tentativa e do êxito para estabelecer técnicas de vida favoráveis” (FREINET, 1977a, p. 17).

Assim, nos estudos desenvolvidos por Freinet (1977a), sobretudo nas abordagens do método natural, essa forma de pensar o trabalho nas instituições educativas deve ocorrer por meio da tentativa experimental. Isso permite novas criações a partir do que foi construído historicamente, algo essencial à construção de conhecimentos científicos.

Freinet (1977a) critica o behaviorismo que, ao buscar um êxito em cadeia, rompe com as teorias intelectuais do desenvolvimento humano. Segundo a Teoria Comportamental, as unidades para se pensar o desenvolvimento humano consistem no estímulo e resposta, assim, questões subjetivas, introspectivas, filosóficas não são consideradas, mas apenas comportamentos e ações, passíveis de observação. Na perspectiva freinetiana, conceber o trabalho educativo e privilegiar a experiência como forma integrada de apropriação da vida é um aspecto primordial do desenvolvimento infantil, como podemos vislumbrar na seguinte afirmação:

Pela vida e pela experiência, são apresentados à criança problemas integrados no processo da vida. Ela resolve-os pelos seus próprios meios ou com a ajuda do professor. O essencial é que ela triunfe sabendo que este triunfo não é mais do que um patamar que lhe permitirá ir mais longe quando a técnica aprendida tiver passado do automatismo (FREINET, 1977a, p. 29).

Nessa proposta de trabalho, o professor tem a função de facilitar e enriquecer a aprendizagem das crianças e torná-las, por meio de um trabalho organizado, sensíveis à experiência “fazendo-as saudáveis, exercendo uma troca favorável de afetividade, permitindo-lhes efetuar numerosas tentativas que conduzam a êxitos” (FREINET, 1977b, p. 27).

Em linhas gerais, coadunamos com Sampaio (1994) ao afirmar que o tateamento experimental constitui-se como um dos princípios fundamentais para a organização do trabalho pedagógico na perspectiva freinetiana e consiste na

... aptidão para manipular, observar, relacionar, emitir hipóteses, verificá-las, aplicar leis e códigos, compreender informações cada vez mais complexas. É uma atitude particular que deve ser desenvolvida pouco a pouco, assim os conhecimentos vão sendo adquiridos pela criança e se enraízam profundamente nela, permanecendo, entretanto, revisáveis e relativos, quando aparecem novos fatos ou quando são feitas novas experiências (SAMPAIO, 1994, p.217).

Ao organizarmos situações no qual as crianças possam interagir com o meio, problematizar questões, formular hipóteses, experimentar possibilidades de resolução de problemas, a escola estará cada vez mais próxima da vida e as crianças farão descobertas sobre o contexto e realidade em que vivem e desenvolverão capacidades importantes de observação, expressão, comunicação, argumentação, interpretação, entre outras. O tateamento contribui dessa forma, para a formação da personalidade da criança.

A partir dessas considerações, Freinet (1977a) critica, como antinatural, a tendência tradicional de educação que visa, com o condicionamento por meio de técnicas de reforço, um ensino que enfatiza a realização de treinos e exercícios mecânicos para a aprendizagem. O exemplo a seguir, sobre os modos de ensinar a criança a nomear objetos, mostra o viés do condicionamento por repetição:

Para ensinar a criança a nomear os objectos, mostram-lhe um livro ilustrado que dá um estímulo formal muito próximo de um estímulo de eco: "isto, diz o texto, é uma flor". Aquilo induz a criança a dizer flor ao olhar a imagem que a representa. Poderá em seguida dar a resposta, inteiramente sob o controle da imagem: terá aprendido a palavra flor (FREINET, 1977a, p. 31).

Segundo Freinet (1977a), essa forma de pensar o ensino não se refere ao modo como as crianças aprendem "naturalmente" em diversos contextos sociais, nos quais não partem da palavra, mas às ideias, à sensibilidade traduzida inicialmente pelos gestos e seguida pela tentativa experimental. Assim, refletir acerca da repetição preconizada no estudo das palavras por parte da escola tradicional não contribui para a aprendizagem das crianças, uma vez que isso ocorre por meio da tentativa experimental, da permeabilidade, da experimentação e de ações cotidianas que valorizam relações, interações e a vida em si.

Nas obras do pedagogo francês, há uma valorização da infância como período primordial para alicerçar a vida dos sujeitos. Segundo o autor, se garantirmos as tentativas experimentais pelas crianças com a leitura, em suas diversas nuances sociais, iremos contribuir sobremaneira com a existência humana.

Esse olhar sobre a criança em sua máxima potencialidade é registrado por Élise Freinet (1978, p. 19) no seguinte excerto:

A criança que está diante do jovem professor primário não é apenas o aluno que ele tem de ensinar a ler; é o filho do camponês e da lavadeira, é o filho dos campos e do ribeiro, a planta bravia da quinta longínqua, a criança misto de poeta e de pensador, que em apenas seu isolamento se recria. E é porque, por detrás de cada rosto, o cenário, que ele é capaz de atribuir o verdadeiro valor à personalidade infantil e torná-la objeto das suas preocupações de ordem intelectual e do seu afeto.

A experiência de Freinet, enquanto professor primário, foi construída em consonância às concepções que consideravam as singularidades das crianças. A seguir, discorreremos sobre algumas ideias que nos possibilitam pensar o método natural defendido pelo referido autor, com vistas à apropriação da língua, em especial no processo de aprendizagem da leitura.

## **O método natural para o ensino da leitura**

Segundo Chartier e Hebrard (2001, p. 150), a análise da bibliografia construída por Freinet induz o leitor a supor uma possível "exclusividade" do autor em questões relacionadas ao ensino da escrita, em que se poderia "considerar que todas estas inovações só concernem às atividades de escrita e deixam de lado a aprendizagem da leitura propriamente dita. Não é nada disso".

Entre as diversas obras publicadas por Freinet, o artigo *Apprentissage naturel de la lecture*, de 1930, aborda aspectos sobre o uso da leitura e indica a necessidade de contemplá-los no sistema pedagógico. Posteriormente, em 1947, o autor escreve o texto *Méthode naturelle de lecture*, com estudos relativos a observações realizadas durante a apropriação da leitura e escrita de sua filha que não frequentou aulas tradicionais, mas vivenciava a escrita de cartas, a elaboração de desenhos e a leitura de materiais recebidos, trocados em suas relações sociais (CHARTIER; HEBRARD, 2001).

Freinet (1977a) também aborda, em “O método natural I: a aprendizagem da língua”, o movimento e a dinâmica da Ciência, com os constantes tabus e a necessidade de uma base experimental. Essa abordagem deve ser concebida nas diferentes áreas de conhecimento que incluem a psicologia e a pedagogia; por conseguinte, a reflexão sobre o método natural, na perspectiva freinetiana, significa considerar que os processos de aquisição da língua, a leitura e a escrita estão embasados em métodos científicos de educação e cultura.

No que concerne à diferença dessa concepção com os métodos tradicionais, Freinet (1977a, p. 39) postula que:

Existe entre os Métodos tradicionais e os nossos Métodos Naturais uma diferença fundamental de princípio, sem a compreensão da qual todas as apreciações serão sempre injustas e errôneas: os métodos tradicionais são especificamente escolares, criados, experimentados e mais ou menos realizados por um meio escolar que tem as suas finalidades, os seus modos de vida e de trabalho, a sua moral e as suas leis, diferentes das finalidades, os seus modos de vida e de trabalho do meio não escolar e a que chamaremos meio vivo.

Notamos uma cisão entre o trabalho desenvolvido por meio dos métodos tradicionais e a “vida que pulsa”. Entre as consequências desse ensino, Freinet (1977a, p. 40) destaca que “a escola tradicional essencialmente autocrática não prepara a criança para desempenhar o seu papel de cidadão activo de uma sociedade democrática”. Ademais:

A escolástica preparou-nos para falar, explicar, demonstrar; não nos treinou a trabalhar, a observar, a experimentar, a realizar. Cultivou em nós a atitude do professor que interroga, controla, sanciona e fez-nos perder o dom natural das mães que preparam e suscitam o êxito, que abrem os caminhos por onde, com entusiasmo, passa a construção ativa da vida (FREINET, 1977b, p. 30).

Em oposição a esse modo de pensar o trabalho educacional durante a aquisição e o desenvolvimento da língua, Freinet (1977b) sinaliza a importância do meio no qual a criança está imersa, como facilitador e motivador das experiências vividas. Nessa linha, a criança aprende a falar, à medida que tem contato com a fala e começa, por meio da imitação, a realizar tentativas experimentais de apropriações dessa linguagem. Da mesma maneira que as crianças conseguem se apropriar da língua de forma natural, com exceção daquelas que apresentam problemas fisiológicos, tal método contribui para o ensino da leitura e da escrita, consideradas etapas posteriores no desenvolvimento infantil (FREINET, 1977a). O trabalho em uma perspectiva tradicional contempla métodos desenvolvidos dentro de uma bolha separada do mundo, da sociedade concreta com suas contradições e relações. Aprender a ler desta forma nunca será um instrumento de comunicação humana verdadeira.

Freinet (1977a) apesar de tecer críticas sobre alguns trabalhos desenvolvidos pelo psicólogo Jean-Ovide Decroly, concorda com a afirmação de que é necessário um olhar global das crianças no processo de aprendizagem. Estudos realizados por Chartier e Hebrard (2001, p. 145), por exemplo, indicam que o termo “método global” não foi criado por Decroly, mas “por uma professora primária francesa – C. Rouquié, diretora de uma escola maternal –, que introduz, na França, nos anos 1920, uma nova técnica de aprendizagem influenciada pelas ideias psicológicas de então: as de Decroly”.

O princípio do método global consiste na ideia que a criança precisa partir do “todo” para aprender a ler, e não de partes isoladas da língua. Nesses termos, o ensino da leitura deveria partir de frases que fizessem parte do universo infantil: “Decroly considera importante que, desde o início, a leitura seja ensinada por meio de frases e pensamentos ou como se aprende a falar e, nunca por meio de letras e sons” (ELIAS, 2000, p. 81).

Freinet (1977a), por meio dos pressupostos de Decroly, constrói uma proposta ainda mais simples, a ser realizada com qualquer criança em lugares diversos e ligada à vida dos alunos, pois o método global, segundo o pedagogo francês, foi apropriado de forma descontextualizada pela escola tradicional, o que seria uma traição ao trabalho desenvolvido por Decroly. Também era um avanço quando comparado ao ensino de unidades isoladas, como nas técnicas sintéticas ou com ênfase nos sons de letras (método fônico, por exemplo), mas, mesmo que o trabalho fosse realizado a partir de frases conhecidas pelas crianças, ainda existia uma artificialização do processo.

Cumprir ressaltar que, em seus escritos, Freinet (1977a) reitera que o ensino da leitura deve partir da totalidade que possua sentido para as crianças, com o uso de palavras, frases e sentenças. Apenas assim será possível a harmonização entre leitura com os pensamentos e os fatos expressados por ela.

Sobre o ensino da leitura por meio de letras e sílabas isoladas, algo comum nas escolas tradicionais, Freinet (1977a, p. 54) pontua que as crianças aprendem a ler textos de maneira mecânica, mas não os compreendem: é o que os estudiosos da leitura chamam de “oralização”. Oralizar não é ler. Posso oralizar um texto em russo se alguém me ensina a pronúncia. Nem por isso serei capaz de ler (entender). A linguagem escrita não é, há muito tempo, a transcrição da fala, mesmo se o ponto de partida foi este. A linguagem escrita é uma linguagem autônoma.

Observem, diante de um livro ou de uma página do jornal, a criança que aprendeu a ler segundo o método tradicional: faz um grande esforço de reconhecimento das peças a desmontar que combina laboriosamente. A mecânica funciona: lê de uma maneira certa, sem erros de pronúncia. Mas pergunte-lhe o sentido daquilo que leu: terá que reler o texto para compreender, porque o lera da primeira vez para decifrar (FREINET, 1977a, p. 54).

Freinet (1977a) solicita “bom senso” dos educadores para compreenderem a incoerência posta quando exigem que as crianças, antes de lerem, conheçam as regras da fonética, os sons e os vocábulos a serem utilizados nos momentos de leitura.

A mudança desse cenário, no qual a criança aprende a leitura como uma técnica, será possível a partir do momento em que elas sentirem a necessidade e a vontade de se apropriarem da leitura em um processo a ser desenvolvido naturalmente. Sobre isso, a motivação é descrita por Freinet (1977a, p. 55) como a “força motriz” no ensino da leitura; daí o sucesso desse método, no qual a criança tem a possibilidade de ler e de escrever, mesmo antes de possuir os “mecanismos de base, porque tem acesso à leitura por outras vias complexas que são as da sensação, da intuição e da afetividade no meio social que dali em diante penetra, anima e ilumina o meio escolar”. Porque é uma necessidade na vida dela.

Então, é preciso ter cuidado na escolha dos textos, porque eles precisam fazer sentido às crianças. Contrariamente ao ato da leitura mecânica, com o qual se pode gerar um atraso cultural nesse público-alvo, teremos um processo intitulado pelo francês como “inteligente”, com o qual se aprende por meio das interações cotidianas, seja no contexto escolar, social ou pessoal.

Sobre o tempo necessário para que cada criança se aproprie da leitura, Freinet (1977a) destaca que ele pode ser maior ou menor, dependendo do contexto e experiências vivenciadas, mas que todas poderão aprender ao se respeitar as suas individualidades. Na pedagogia Freinet, a escola é, por excelência, o espaço onde a criança adquire o desejo de ler e escrever, para comunicar de verdade com os outros, para estabelecer relações profundas. Nem em todos os meios sociais isso é possível, a escola é este espaço onde a criança se aventura além do seu meio social. O acompanhamento do ritmo de cada aluno não é possível quando o professor se utiliza de materiais prontos para o ensino, como se o trabalho fosse engessado. Élise Freinet (1979, p. 37) tece críticas a respeito disso: “são manuais; não respondem à necessidade de expressão das crianças e são baseados na explicação de imagens mais do que na atividade infantil - se justapõem à vida da criança em lugar de ampliá-la e elevá-la”. Subsequentemente, apresentamos alguns apontamentos sobre a iniciação à leitura, com base em Freinet.

## **A iniciação à leitura pelo método natural**

Freinet (1977a) evidencia que os gestos iniciais, seguidos pelo desenho, constituem etapas indispensáveis ao acesso à leitura. Em observações à sua filha Bal, há um movimento constante no qual a criança começa a sentir a necessidade de comunicar o próprio pensamento por meio de desenhos e escritos para, em seguida, compreender o significado da leitura.

O autor cita que a criança:

Não compreende absolutamente nada dos motivos por que leem as crianças e os adultos nem o que possam ler. No entanto, também lhe acontece pegar num livro onde lê, imperturbavelmente, sem hesitar e o mais seriamente deste mundo... o que está no seu próprio pensamento, sem suspeitar que possa haver uma solução diferente para este problema de leitura (FREINET, 1977a, p. 93).

Assim ela “acredita realmente que aqueles que leem decifram no papel aquilo que está neles, tal como ela lê nos desenhos o que está no seu próprio pensamento e apenas isso” (FREINET, 1977a, p. 93). Cabe à escola abrir esta perspectiva de forma verdadeira, vivenciada.

Para Freinet (1977a), entre as motivações para Bal ler de fato se encontram as técnicas de expressão e intercomunicação dadas pela tipografia na escola, bem como a do jornal escolar e a das diversas trocas interescolares – esse meio a inspirava a vivenciar as correspondências escolares e familiares. A necessidade de ler as correspondências constitui a razão pela qual sua filha se apropria da leitura em um processo sem esforços mecânicos, repetitivos ou enfadonhos.

Com essa experiência de Bal, demonstra-se que tal processo é natural para diferentes crianças, por aprenderem a ler por meio da “experiência por tentativas, repetição das tentativas conseguidas segundo os princípios de economia, de nunca largar as mãos antes de ter os pés bem assentes, prudência e audácia ao serviço da vida que sempre quer subir e afirmar-se” (FREINET, 1977, p. 122). É importante destacar que Bal pertencia a um meio social privilegiado, onde a leitura tinha sentido e uso concreto, o que não é o caso da maioria das crianças que frequentam a escola pública brasileira. Freinet no decorrer de sua atuação como professor buscava construir esses espaços negados às crianças de meios populares.

Sendo assim, a criança se apropria da leitura em consonância com o método natural, quando aquilo que se tem para ler possui significado de fato, isto é, há a necessidade de perceber que os textos estão relacionados à vida. Esse processo pode ocorrer naturalmente, conforme as experiências



propiciadas no meio onde vivem, para terem acesso cotidianamente à escrita em suas mais diversas formas e fontes, seja em cartazes, anúncios, revistas, rótulos de produtos, entre outros, pois “todas as saídas à rua solicitam a atenção infantil e orientam no sentido de uma decodificação de sinais desconhecidos” (FREINET, 1977b, p. 40). Na relação ativa com o meio, ela precisa se apropriar dos sinais gráficos para reconhecer as possibilidades de expressão e comunicação dos próprios sentimentos.

Em linhas gerais, Freinet (1977a, p. 134) define que o processo de aprendizagem da leitura ocorre nos seguintes momentos:

1. Expressão oral das palavras, vocábulos e de frases obtidas o mais rapidamente possível, é certo, e com o máximo de riqueza, mas exclusivamente pelo método natural de tentativa experimental viva, servida por um ambiente rico e auxiliar, mas com exclusão de qualquer lição pretensamente metódica.
2. Expressão, para uso das pessoas afastadas, pelo intérprete da escrita destas mesmas palavras, vocábulos e frases, pelos mesmos processos, com exclusão de qualquer lição formal. Riqueza do ambiente para facilitar e acelerar esta experiência por tentativas.
3. Reconhecimento destas palavras quando as encontram num texto estranho.

O trabalho com leitura se inicia em conformidade com o interesse natural das crianças. Nesse método, preocupa-se com a vivência de atividades de leitura sem esforço ou sacrifício, para que as crianças sejam imersas de maneira integral nessa atividade cultural, a leitura.

Momentos de leitura nas aulas freinetianas não possuem o formato das aulas tradicionais, nas quais as crianças são obrigadas a ler em um ambiente de rigoroso acompanhamento do professor. Nesta prática, o maior erro não consiste em ler em voz alta, mas na separação entre o conteúdo e a leitura, o que, muitas vezes, não tem relação com a vida, as necessidades e a vontade dos alunos: “seu esforço é consagrado à leitura do livro ou antes a recalcar um desejo louco que têm de virar a página para ver algo novo, ou de olhar pela janela, o apelo dos pássaros sobre as árvores (FREINET, 1979, p. 56).

Por meio do trabalho com impressoras, em que as crianças se tornam autoras dos próprios textos, Freinet (1979, p. 57) organizava momentos para elas lerem suas produções que, *a priori*, era silencioso e, *a posteriori*, individual, em voz alta:

Ninguém é obrigado a “seguir” a leitura. Suprimimos então, radicalmente, todos os inconvenientes que decorrem da aula coletiva de leitura. Nada de obrigação nem de opressão. E sim, a alegria e o desejo de ler. Logo, nada de hipocrisia da parte do aluno, nada de artimanha consciente ou subconsciente, e sim a honestidade e a sinceridade do esforço.

Assim sendo, podemos afirmar que o ensino da leitura, segundo os postulados freinetianos, significa planejar e construir propostas para as crianças sentirem vontade, necessidade, interesse e motivação para ler. Quem planeja e constrói tudo isso, com a ajuda do professor são as crianças mesmas. Não é o professor que planeja e constrói para elas. O entusiasmo se fazia presente nas aulas desse pensador, na medida em que os alunos compartilhavam seus textos, ideias e sentimentos. Práticas constantemente vivenciadas nas instituições de ensino, como “tomar a leitura” para obrigar os estudantes a ler, não contribuem com a formação de leitores, algo ainda presente com frequência no decorrer das trajetórias escolares.

## Algumas considerações

Neste texto, visamos apresentar alguns estudos desenvolvidos sobre o método natural e o ensino da leitura. A proposta construída por Freinet (1977b, p. 31) ultrapassa o mero trabalho com a leitura, o desenho e a escrita, uma vez que o autor apresenta princípios educativos que consideram a criança de modo integral, com realidades e necessidades específicas, ao afetar “nesse caso, a própria filosofia da vida, e esse é um dos aspectos fundamentais que deverá ser estudado também numa síntese e numa unidade que poderão, de hoje em diante, condicionar as nossas Técnicas de Vida”.

Evidentemente, “Freinet é filho de sua época. Como Rousseau em Emílio, Freinet procurou conhecer a maneira de ser e pensar da criança para ajudá-la nas dificuldades quando da estruturação dos próprios conhecimentos” (ELIAS, 2000, p. 106). Nesse caso, o trabalho do pensador francês pretendia relacionar os conteúdos escolares e o ensino da leitura com o meio, os interesses das crianças e a vida delas. Construiu uma proposta educativa onde quem fazia isso eram elas próprias, onde os alunos eram autores do seu processo educativo.

Freinet (1977a, p. 167) assegura que a formação das crianças deve ocorrer por meio de tentativas experimentais cotidianas e em diversas interações sociais, pois “a aquisição natural da escrita e da leitura é função da riqueza de vida do indivíduo, do seu equilíbrio específico, do equilíbrio máximo entre o ser e o meio, enfim da atitude e das possibilidades que lhe oferece este meio”. Elas devem estar em contato com a natureza, observar, se relacionar e experimentar – nesse movimento, se apropriam da leitura, da escrita e de outras formas de linguagem, comunicação e expressão.

Élise Freinet (1977b), companheira de vida e de trabalho de Célestin Freinet, garante que o desenho, a escrita ou a leitura devem se basear no método natural, não como um fim em si, mas como ferramentas que possibilitam a elevação do ser. Nesse contexto, vislumbramos que essa proposta de trabalho é atual e necessária, diante dos desafios imbricados na alfabetização, principalmente quando há políticas de alfabetização que priorizam um método escolástico de ensino (fônico), como citado no início deste capítulo (BRASIL, 2019).

As crianças estão imersas em meios nos quais a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano – mídias televisivas, anúncios, jornais, revistas, livros literários e didáticos, entre outros. Com os estudos desenvolvidos por Freinet, por exemplo, podemos compreender que, em pleno século XXI, é fundamental refletir sobre a organização do trabalho pedagógico a partir do princípio de que a criança é um ser ativo na apropriação cultural. Ela pensa, questiona, constrói hipóteses e problematiza; logo, o ensino da leitura e da escrita ultrapassa uma “técnica”, dado que a apropriação possibilita humanizar os sujeitos e obter a compreensão de mundo defendida também por Freire (2013, p. 83): “Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender “como escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo. Esse é um dos nossos desafios constantes na atual conjuntura educacional.

## Referências

BRASIL. Decreto n. 9.765, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. *Diário Oficial da União*, Brasília, 12 abr. 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D9765.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9765.htm)>. Acesso em: 4 fev. 2020.

BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente Teixeira; LIMA, Cinthia Vieira Brum; VARANIIN, Adriana. “Já não estamos sós”: a experiência do GTC Freinet. In: REPEF (org.). *III Encontro da rede de movimentos Freinet da América: diálogos entre Célestin Freinet e Paulo Freire*. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022.p.85-92.

- CHARTIER, Anne; HEBRÁRD, Jean. *Discursos sobre a leitura*. São Paulo: Ática, 2001.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. *De Emílio a Emília: a trajetória da alfabetização*. São Paulo: Scipione, 2000.
- FREINET, Célestin. *Método Natural I: a aprendizagem da língua*. Tradução de Franco de Sousa e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa: Estampa, 1977a.
- FREINET, Célestin. *Método Natural III: a aprendizagem da escrita*. Tradução de Teresa Marreiros. Lisboa: Estampa, 1977b.
- FREINET, Élise. *Nascimento de uma pedagogia popular: os métodos Freinet*. Tradução de Rosália Cruz. Lisboa: Estampa, 1978.
- FREINET, Élise. *O Itinerário de Celéstin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet*. Tradução de Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- MONTEIRO, Sara Mourão. A concepção de alfabetização na Política Nacional de Alfabetização/MEC/2019. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, v. 1, n. 10, p. 39-43, jul./dez. 2019.
- MORAIS, Artur Gomes de. Análise crítica da PNA (Política Nacional de Alfabetização) imposta pelo MEC através de Decreto em 2019. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, v. 1, n. 10, p. 66-75, jul./dez. 2019.
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. 2. ed São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- GONTIJO; Claudia Maria Mendes; ANTUNES, Janaína Silva Costa. Diálogos com o Plano Nacional de Alfabetização (2019): contrapalavras. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, v. 1, n. 10, p. 32-38, jul./dez. 2019.
- TOKARNIA, Mariana. Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

Recebido em: 09/09/2021

Aceito em: 31/03/2022